

UMA VÍRGULA E UMA SEMENTE

Amélia do Benjamin

- ▶ **Luar de Janeiro**, Augusto Gil
- ▶ **A História de um Rapaz**, Matilde Rosa Araújo & Maria Keil (il)
- ▶ **História Antiga**, Miguel Torga
- ▶ **Antologia Poética**, Miguel Torga
- ▶ **O Rapaz de Bronze**, Sophia de Mello Breyner Andresen
- ▶ **A Menina do Mar**, Sophia de Mello Breyner Andresen
- ▶ **A Fada Oriana**, Sophia de Mello Breyner Andresen
- ▶ **A Noite de Natal**, Sophia de Mello Breyner Andresen
- ▶ **O Cavaleiro da Dinamarca**, Sophia de Mello Breyner Andresen
- ▶ **Oliver Twist**, Charles Dickens
- ▶ **O Jardim Secreto**, Frances Hodgson Burnett
- ▶ **Vários** de Enid Blyton
- ▶ **Vários** de Hans Christian Andersen

Sempre gostei muito histórias.

A primeira foi contada por uma Senhora muito velhinha para quem a minha mãe trabalhava. Em casa dela, como uma Ama, iniciava-me nos prazeres da vida infantil: pão com doce de gila, sumo de groselha e histórias. Foi-me contada enquanto fazíamos a cama, de roda em roda, esticávamos lençóis, batíamos almofadas e com algum esforço, acompanhava-me na curiosidade, deixando-me sentar no colo dela e ela na poltrona, só para (ouvir) o final. Depois podia folhear as dezenas de revistas *Reader's Digest* que lhe poluíam a casa, com os meus livros e objectos às cores. Tinha eu 5 anos, ela mais de 70. Pouco depois morreu e eu fui para a Escola.

Quando aprendi a letras e as contas, lembro-me que levei um raspanete de meu pai porque a Sr.^a Professora na primeira avaliação de todas escreveu que eu tinha jeito para o desenho. *E as letras e as contas?*, perguntava ele. Em casa dos meus pais lia-se muito, ele lia o jornal e alguns livros inacessíveis, ela, a minha mãe, que não tinha jeito para contar histórias, lia livros de culinária.

Quando eu apanhava aqueles livros desenhava por cima e aos jornais também.

Foi no 3º ano que descobri os textos da Sr.^a D. Matilde Rosa Araújo. A palavra Matilde despertava-me tonalidades emotivas roxas, quentes e seguras. Eram os meus preferidos. No fim do mês de Novembro já tinha lido todos os textos do livro. Procurava mais mas a Escola ainda não tinha biblioteca e, assim, descobri a da Penha de França, em Lisboa, “um mundo”.

A minha Professora adorava-me e eu nunca soube, eram outros tempos. Dizia que eu era distraída, mas se me perguntasse alguma coisa, estando eu na conversa, logo lhe sabia responder certo. E eu não percebia bem o que é que ela achava de extraordinário naquilo, mas enfim, a minha Ama já não estava lá para me explicar melhor, com aquela voz doce, de quem dá um nome às coisas, repondo a ordem de pensamentos, como uma vírgula e uma semente.

Procurei-a nos livros, sobretudo nas histórias da Matilde, da Sophia e do Hans.

Eram assim como um alimento intelectual infantil, se assim se pode dizer. Eram histórias inundadas de potencial para o imaginário, sem moralismos ou adultices. Eram imperfeitas e em aberto, o que me deixavam repor, então, alguma perfeição minha. Isto é, virgulavam-me a vida com serenidade e beleza. E era o que eu precisava.

Algo de magnífico havia naquelas palavras, naquela época, que hoje, à distância, não consigo (ainda) perceber! ■



Amélia do Benjamin é licenciada em Ciências do Comportamento e dos Processos Mentais. Em 1998, através do *American Club of Lisbon*, com um projecto sobre *active listenig e therapeutic teaching*, foi *Portuguese fellow* na Pressley Ridge Schools, Pittsburg, E.U.A.. Desde Dezembro de 2004, dedica-se mais à maternidade, ao seu “benjamim”.
<http://www.abocadoce.blogspot.com/>